O RETORNO DOS MIGRANTES TRABALHADORES NIKKEIS AO BRASIL[i]

Alice Yatiyo Asari-UEL – alice.asari@yahoo.com.br

Introdução

O fato migratório tem sido objeto de análise de profissionais de variados setores do conhecimento. Ao mesmo tempo, as questões que envolvem deslocamentos de seres humanos têm sido uma constante desde os primeiros tempos da civilização, decorrentes de fatores os mais diversos. Esses fluxos de grandes contingentes humanos foram favorecidos por uma série de fatos que propiciaram o acesso a meios de transportes, de comunicação, de melhoria da qualidade de vida, e que também provocaram a multiplicação dos movimentos migratórios. Em tempos de intensa circulação de mercadorias e de capitais, também os deslocamentos populacionais têm sido estudados, visto que o transporte é mais rápido, as comunicações são feitas em tempo real, isto é, há simultaneidade nos vários aspectos de construção/reconstrução do território.

Assim, se no século XIX o avanço na tecnologia de construção de grandes embarcações propiciou a vinda de milhares de imigrantes europeus e asiáticos para a América, no século XX um outro fluxo, este inverso, se apresenta, de populações de países denominados subdesenvolvidos em direção aos desenvolvidos, industrializados, os quais se vêem obrigados a recrutar a mão de obra, - que se constitui em excedente populacional nos países subdesenvolvidos -, pois não ocorreu a reposição populacional suficiente para compor a força de trabalho do setor produtivo.

Note-se que estas modalidades emergentes de movimentos migratórios internacionais inserem-se numa mobilidade crescente e diversificada, cujo fluxo predominante é de países pobres para países ricos. Essas transformações estão ligadas à dinâmica recente do capitalismo, caracterizada pela globalização da produção, que se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo (Patarra; Baeninger,1995).

Neste contexto, a saída de brasileiros para o exterior revela os efeitos da crise da internacionalização crescente da desigualdade econômica e social. A esse respeito, segundo dados da UNFA (1993), citado por Rossini (1995), as remessas anuais por parte de migrantes para suas áreas de origem são estimadas, em nível global, em 70

bilhões de dólares, sendo que a "indústria" da migração é, hoje, a segunda maior do mundo, perdendo apenas para o comércio do petróleo. Estes dados evidenciam a contribuição que os resultados do trabalho temporário no exterior, não especializado, em longas jornadas de trabalho tem propiciado para a balança comercial brasileira.

No que se refere aos migrantes brasileiros para o Japão, foco de nosso trabalho, desde meados da década de 1980, tem ocorrido o fluxo em direção a este país, criando uma comunidade brasileira que atingia cerca de 300 mil no início do século XXI. Os brasileiros e os peruanos formam o grupo de latino-americanos reconhecidos pelo termo *dekassegui*[1], cujas características são: migrar para outro país na qualidade de trabalhador não especializado e temporário. Segundo Sakurai (2007), a maioria trabalha em indústrias. A tendência é de famílias migrarem e muitos permanecerem no Japão. Há até mesmo nichos de concentração desses brasileiros, "*litle Brazil"*, em algumas províncias no Japão.

Porém, há que se ressaltar que o fenômeno *dekassegui* não é um acontecimento isolado no contexto internacional. Na realidade, está inserido num fluxo de brasileiros que rumam para o exterior, devido às recessões econômicas que o Brasil enfrentou ao longo da década de 1980, coroado com o seqüestro da poupança do chamado Plano Collor (Ninomiya, 2008). Trata-se de um fluxo que levou para o exterior quase três milhões de brasileiros, para os Estados Unidos, Paraguai , Japão e países europeus. Temos ainda a destacar os grandes movimentos migratórios de nacionais do leste europeu rumo aos países componentes da União Européia, os latino-americanos para os Estados Unidos, os asiáticos em direção aos Estados Unidos, ao Japão e aos países do Oriente Médio e da Europa.

Portanto, à guisa de considerações iniciais, apresentamos, sucintamente, o cenário em que se encontram as migrações internacionais e, no caso específico, da migração de brasileiros para o Japão, constituídos de trabalhadores temporários e não especializados.

Objetivos, metodologia

A pesquisa enfocou as migrações internacionais, de brasileiros para o Japão, na qualidade de trabalhadores junto ao setor produtivo japonês, as quais são legalizadas, face as modificações na lei de migração japonesa de 1990. Passados vinte anos do início do fluxo de brasileiros para o Japão, propusemo-nos a estudar o processo

[1] Neste artigo utilizou-se a grafia *dekassegui* por se tratar da forma utilizada desde o início dos deslocamentos de brasileiros para o Japão, por motivo de trabalho.

migratório de brasileiros *nikkeis* (descendentes de japoneses) no Japão, o seu retorno ao país de origem e os impactos provocados por esse fluxo.

A pesquisa teve a pretensão de auxiliar nas reflexões sobre as migrações de brasileiros para o exterior, fato esse que passa a ter uma crescente importância a partir de meados dos anos 1980, ocasião em que o Brasil passa de país receptor de migrantes (país de imigração), para o de "exportador" de migrantes (país de emigração). O tema é de relevância se consideramos que os deslocamentos de trabalhadores temporários e não especializados inserem-se no conjunto das migrações internacionais, fortemente influenciados pelas conjunturas econômicas, sociais e políticas, sendo de fundamental importância para entender o processo migratório como uma das estratégias de sobrevivência de camadas da população brasileira.

No que se refere à metodologia de pesquisa, duas instâncias metodológicas foram utilizadas: a metodologia de investigação ou de pesquisa, em que se apresentam os procedimentos operacionais, tais como os trabalhos empíricos, a análise de obras referentes ao tema, a sistematização das informações primárias e secundárias e a metodologia de análise em que se buscou fazer o diálogo com autores que se dedicaram ao tema, constituindo-se nos referenciais teórico-metodológicos que nortearam o trabalho.

Bases teórico-metodológicas da pesquisa

Neste item, é apresentasa uma breve análise acerca dos desdobramentos relativos à migração. Observa-se que estas não se esgotam devido ao caráter dinâmico das reflexões e das pesquisas que têm sido realizadas sobre o tema. Desta forma, dois tópicos são considerados: o movimento *dekassegui* e migração de retorno, que subsidiaram as análises pertinentes ao objetivo do trabalho.

O movimento *dekassegui*

O fluxo migratório em direção ao Japão insere-se num movimento mais amplo, de brasileiros se deslocando para o exterior, tangidos pelas precárias condições sociais, econômicas, políticas, que viam em outros países a oportunidade de melhoria das condições adequadas de sobrevivência. A mídia já retratava esta situação, apresentando reportagens de brasileiros nos aeroportos internacionais do país, que partiam para os Estados Unidos, países da Europa, da Ásia, na expectativa de se inserir no mercado de trabalho, de viver em países com estabilidade econômica, com

segurança e sobretudo serem respeitados como cidadãos. E, os japoneses e seus descendentes fizeram parte do que se denominou “diáspora” brasileira.

Assim relata Sasaki (2006, p. 105):

> As primeiras notícias sobre a ida de brasileiros nipo-descendentes para trabalhar temporariamente no Japão apareceram em meados da década de 1980, apresentando um movimento tímido quanto ao volume. Em geral, eles não tiveram grandes problemas burocráticos para entrar no território japonês, pois tinham origem japonesa; eram as primeiras gerações - *issei* e/ou *nissei* -, logo, muitos tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade (...) grosso modo, eram homens de idade avançada, chefes de família, casados, sabiam falar japonês e tinham pretensões de estada temporária no Japão.

Há que se observar que no Brasil, a década de 1980 foi caracterizada pela recessão econômica, inflação e desemprego, ao passo que o Japão, no outro lado do espaço mundial vivenciava um dinamismo econômico sem precedentes durante a segunda metade dessa década, denominada pelos japoneses e pelos imigrantes e seus descendentes no Brasil, de “bolha econômica”. Havia uma demanda muito grande por mão de obra, tanto nas pequenas quanto nas médias empresas, recorrendo-se então aos trabalhadores estrangeiros. Essas pequenas e médias empresas atuavam e ainda atuam no sistema de subcontratação por parte das grandes empresas montadoras. Ocorre que nessas empresas as oportunidades de ascensão profissional são bastante restritas, principalmente para os jovens japoneses que estavam ingressando no mercado de trabalho,e, estes se recusavam a trabalhar nelas, pois não haveria mobilidade na carreira, consequentemente também não teriam ascensão social-econômica. A esse quadro se somou outro fato que contribuiu para a busca por trabalhadores estrangeiros: a baixa taxa de natalidade que vinha se apresentando há alguns anos e que resultou numa população idosa mais numerosa, portanto, não fazendo parte do contingente de mão de obra disponível.

Assim, os migrantes estrangeiros homens de países próximos ao Japão passaram a fazer parte dos trabalhadores nos setores da construção civil e manufatureiro enquanto as mulheres eram empregadas como recepcionistas em bares e centros de entretenimento. O problema desses trabalhadores estrangeiros era a situação de ilegalidade, que começou a gerar uma série de desdobramentos não tolerados pelas autoridades japonesas.

Nesse contexto é que algumas medidas foram tomadas pelo estado japonês, fato que desembocou no chamado “movimento *dekassegui”,* que caracteriza-se pelos deslocamentos de brasileiros em direção ao Japão e insere-se numa política

migratória restrita aos descendentes, adotada pelo governo japonês, de valorização da consangüinidade e tem vínculos com a continuísmo, contrapondo-se ao conflito, a desarmonia e a diferença, buscando-se uma ótica funcional e positiva da sociedade. Assim sendo, para o estado japonês, deve-se preservar a sociedade de elementos estranhos e nocivos, não funcionais em relação ao desenvolvimento harmônico da nação, concepção esta que possui forte teor nacionalista e foi historicamente construída. (KAWAMURA, 1999)

Note-se que o fluxo de *nikkeis*[ii2] brasileiros rumo ao Japão teve um incremento considerável devido as mudanças ocorridas na Lei de Controle de Imigração do Japão em 1990, que legalizou a entrada dos *nikkeis*. Com esta lei houve a aceitação dos *nikkeis* no Japão, tornando-se clara a concessão de qualificação de permanência (visto como residente permanente) ao *nissei* (filho do imigrante japonês no Brasil) de três anos e ao *sansei* (neto do imigrante) e cônjuge não-*nikkei* de um ano, ambos renováveis. Além disso, liberou-se a atividade que inclui o trabalho dos mesmos em atividades não especializadas, podendo trabalhar oficialmente no Japão. Esta lei tinha como objetivo principal, reduzir o número de trabalhadores ilegais, oriundos da Tailândia, Coréia do Sul, China e outros, substituindo-os por descendentes de japoneses.

Assim, os migrantes nipo-brasileiros tiveram um acesso facilitado, dada a sua origem étnica e sua consangüinidade, podendo vir a ser residentes permanentes, como tem ocorrido com muitos trabalhadores brasileiros que iniciaram sua trajetória no Japão como uma etapa de suas vidas em que o retorno ao país natal estava previsto após alguns anos, desde que tivessem economizado o suficiente para exercer uma atividade autônoma ou então usufruir das aplicações feitas no decorrer dos árduos períodos de trabalho no setor produtivo japonês.

Destaque-se uma análise feita por Sasaki (2006), referente a leitura que as autoridades japonesas fazem da política de oportunidades imprimida pela imigração facilitada para os *nikkeis* do Brasil e da América Latina, pois se configura como um meio, politicamente de baixo custo, de auxiliar a resolução da falta de mão de obra nas empresas japonesas, com a vantagem adicional de que os imigrantes com ancestralidade japonesa contribuirão para que a homogeneidade étnica do país não seja afetada. Ao mesmo tempo, assim como os outros países, com economia semelhante a do Brasil, que tem “exportado” mão de obra para os países de economia

[2] Refere-se aos descendentes de imigrantes japoneses no Brasil

central, esses migrantes remetem um valor considerável para seus países de origem, fato que tem beneficiado as regiões de saída desse contingente populacional.

De outra forma, Yoshioka (1995, p. 164) considera que

> A concessão de vistos privilegiados para nikkeis não passa de discurso de retórica para despertar falsas ilusões e mistificar a espoliação dos parentes no exterior.Se tudo o que foi dito aparentar exagero é possível, no entanto, vislumbrar aspectos positivos nesse relacionamento entre países ditos desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Segundo o autor, para que haja condições de reverter esse quadro e para que o intercâmbio se faça de forma mais justa e humana, há a necessidade do entendimento atribuindo ao trabalho o seu devido peso, tratando-o de forma não espoliadora, unificando e atribuindo benefícios recíprocos de previdência social, a fim de que, ao país em desenvolvimento, não retornem indivíduos sucateados.

Um outro ponto de vista é apresentado por Sasaki (2006, p. 111) acerca da ida de *nikkeis* para o Japão, ou, a inversão do fluxo migratório, ou o retorno: “como poderiam retornar de onde nunca partiram?” Como tratar estas questões de forma tão generalizante? Acredita-se ser justificável esta generalização se levarmos em conta a ideologia adotada pelo estado japonês, pois estes trabalhadores atendem as necessidades raciais e ideológicas do governo japonês e ao mesmo tempo atende as demandas do mercado de trabalho por mão de obra barata e não qualificada.

Note-se ainda que a mobilidade espacial de *dekasseguis* reflete o dinamismo da sociedade global fazendo com que o migrante deixe o seu lugar de origem, “para realizar os seus sonhos e desejos individuais, sonhos esses que nada mais são que consumir, de possuir algo que não está sendo possível no seu lugar social”. (BOMTEMPO, 2003, p. 85). Desta maneira, os sonhos dos migrantes, fazem com que o lugar de emigração seja o lugar dos sonhos perdidos, vivenciando uma outra dinâmica, principalmente com os investimentos que esses *dekasseguis* realizam no município. O lugar de origem passa a ser de conquista, de superação das dificuldades e de desafios.

A migração de retorno

Tendo em vista que os deslocamentos de *dekasseguis* para o Japão constituía-se numa migração temporária, o retorno desses brasileiros estava determinado pela consecução dos objetivos, qual seja a realização da poupança para investir no Brasil, efetuar o pagamento de dívidas, adquirir imóveis ou apenas desfrutar dos ganhos conseguidos com o trabalho árduo, repetitivo, ou aqueles destinados aos imigrantes,

que são conhecidos como os três Ks (*kitsui* – penoso, *kitanai* – sujo, *kikken* – perigoso, citado por Yamochi (1991), acrescentados de dois ks : *kibishii* (exigente) e *kirai* (detestável).

Há que se considerar que a experiência do brasileiro no Japão pode consistir em atividades que não exigem especialização, podendo ser considerado um retrocesso, principalmente por aqueles que, com formação superior, almejam outras oportunidades no mercado de trabalho brasileiro quando retornarem. Sob outro prisma, em vista da possibilidade de qualificação por meio da realização de cursos e eventos externos à empresa e das oportunidades de experiência em atividades diferenciadas, esta vivência pode auxiliar na inserção bem sucedida do trabalhador no mercado brasileiro, caracterizando-se então um avanço. É importante destacar ainda,

> (...) que a formação do trabalhador transmigrante coloca questões a respeito dos limites de uma formação referida apenas ao mercado de trabalho, na medida em que pressupõe uma vivência multicultural, orientada para a convivência democrática. Assim, essa formação mais ampla levanta questões sobre a importância da aquisição de uma visão cultural flexível, condizente com a condição de cidadão do mundo. (KAWAMURA, 1999, p. 210)

De outra forma, Melchior (2003, p. 121) coloca que

> (...) o desemprego no Brasil, ainda é um fato que assusta milhões de brasileiros e quando retornam ao país os dekasseguis podem passar por algumas dificuldades em estar arrumando novos empregos. Conseguir emprego assalariado para os dekasseguis se torna mais complicado devido ao receio que os empregadores possuem em contratar nikkeis, isto porque, com a possibilidade de empregos no Japão, se tornam muito vulneráveis aos contratos, podem abandoná-los a qualquer momento e partir para o outro país.

Assim, considera-se adequada a afirmação do presidente do CIATE-SP, Ninomiya (2008, p. 317): “gostaríamos que os brasileiros voltassem para o seu país de origem com recursos suficientes, aliados à experiência de terem vivido no Japão, trazendo os conhecimentos da língua, da experiência cultural, para continuar contribuindo para o progresso da sociedade brasileira”.

Uma outra entidade que tem por objetivo auxiliar o *dekassegui* - a ABD – Associação Brasileira de Dekasseguis realizou juntamente com o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento e o SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (ABD, 2009), uma pesquisa sobre *dekasseguis*, concluída no ano de 2004. Foram aplicados 1179 questionários no Brasil, sendo 935 com os que haviam retornado e 244 com *dekasseguis* que iriam partir para o Japão, além de 322

questionários aplicados no Japão. Os resultados da pesquisa demonstraram que 63% dos homens e 44% das mulheres pretendiam retornar ao Brasil e "abrir" um negócio próprio enquanto as outras alternativas referiam-se a trabalhar como empregado e viver da renda propiciada pelos investimentos. Quanto a assessoria para desenvolver o negócio, cerca de 50% dos indivíduos com intenções de estabelecer-se como empresário declararam ter buscado ajuda para a instalação de uma empresa. Só que entre esses, a maior parte o fez junto a familiares e amigos e não junto a entidades constituídas para este fim.

Há que se observar também que o SEBRAE (hoje, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), segundo Yoshioka (1995, p. 157) "já providenciava a abertura de um escritório para orientar os trabalhadores que se dispusessem a montar pequenos negócios após o retorno". Ademais, segundo ROSSINI (1995, p. 31),

> O SEBRAE – Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas do Brasil está tentando através de publicidade, no Brasil e no Japão, orientar os retornados ou aqueles que pretendem voltar a se estabelecer, implantando pequenos negócios. Dessa forma, tenta-se garantir a permanência no Brasil e aplicação do dinheiro, poupado, através do trabalho realizado no Japão pelos dekasseguis do Brasil.

Conforme Bando (2009, p. 14), o Projeto Dekassegui Empreendedor, implantado com base na pesquisa ABD-BID-SEBRAE, é uma parceria entre o SEBRAE e o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). As atividades relativas a este projeto tiveram início no ano de 2005, abordando três fases desse movimento: a ida ao Japão, momento em que o CIATE atua com informações e procedimentos adequados a serem implementados; durante a estada no Japão, e, por último, no seu retorno, no Brasil, ocasião em que o SEBRAE propicia o atendimento. Os estados onde há maior concentração de *nikkeis* como São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Pará são também aqueles atendidos pelo projeto em referência.

Ainda segundo Bando (2009, p. 14/15), no seu pronunciamento durante o Encontro de Colaboradores do CIATE, este apresenta dados que possibilitam melhor dimensionar o projeto:

> Desde 2005 temos atuado em função da nossa missão, que é a de apoio aos empreendedores e micro e pequenos empresários, tanto no fomento e suporte para a montagem e criação de novas empresas, quanto na manutenção e desenvolvimento dos negócios já existentes. Isso porque um grande número de dekasseguis, ao retornar, pretende montar seu negócio próprio. Uma pesquisa apontou que 56% deles tem esta pretensão. Os outros 44% dividem-se entre os estudantes, os que já têm seu próprio negócio e querem alavancá-lo, os que tem

> dívidas pessoais, entre outros perfis(...) De qualquer forma, o movimento dekassegui demonstra a necessidade e a importância deste apoio, até em razão do montante que é remetido ao Brasil, ou seja, 2,5 milhões de dólares, um valor bastante expressivo que precisa ser bem administrado.

De outra forma, há que se ressaltar que ,

> Los migrantes de retorno y circulares, em particular, constituyen uma importante fuente potencial de inversión, capacidad empresarial y experiência (por ejemplo, las habilidades adquiridas en países más avanzados) que pueden beneficiar a la población local e impactar en la pobreza (UFPA/IPEA, 2007, p. 174)

Consideramos que, apesar da agenda dos ODM-Objetivos de Desarollo Del Milênio -, proposta pela CIPD – Conferencia internacional de población y desarollo, restringir-se à América Latina, apresentam-se políticas e ações implementadas para a promoção de benefícios advindos da migração, a exemplo da organização de Associações de Emigrantes que conectam os migrantes em seus países de origem, isto é, são comunidades transnacionais que atuam como redes ou circuitos estruturados por migrantes. Estas organizações têm papel importante também para as comunidades de origem dos migrantes, pois as contribuições dos migrantes, somadas ao investimento estatal tem propiciado a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades (infra-estrutura, saúde, lazer), assim como tem ocorrido a implantação de projetos economicamente produtivos, a exemplo das microempresas.

Essas iniciativas levam a outra indagação: qual seria o valor da poupança feita pelos *dekasseguis*? O que representam para a abertura de uma empresa ou para a aquisição de imóveis?

Segundo Ninomiya (2008, p. 314), o total de mais de 100 bilhões de dólares que os migrantes enviam para os respectivos familiares é bastante significativo. Há países como El Salvador e Honduras, em que as remessas de seus nacionais provenientes dos Estados Unidos chegam a constituir um quarto dos respectivos PNBs. Além disso, países como as Filipinas e Indonésia instituíram ministérios para cuidar dos interesses dos expatriados que trabalham no exterior e enviam cerca de 8 bilhões para seus países. O Brasil deve receber cerca de seis bilhões de dólares, anualmente, constituindo-se uma importante contribuição para as contas nacionais. Há que se lembrar que essa remessa independe de investimentos em infra-estrutura, equipamentos, treinamento de recursos humanos, aquisição de insumos ou matérias-primas, como ocorre com o setor produtivo.

Quanto ao impacto das remessas ao desenvolvimento dos países, melhor dizendo, na diminuição da situação de pobreza dos países de origem dos trabalhadores temporários, o documento do Banco Mundial, citado por Patarra (2006, p. 20), apresenta números vultuosos e tem sido objeto de divulgação pela mídia:

> Os migrantes enviaram oficialmente mais de 167 bilhões de dólares para suas famílias nos países em desenvolvimento no ano passado (2005); os latino-americanos enviaram US$ 55 bilhões, e destaca o México,, com aproximadamente US$ 17 bilhões; em segundo lugar o Brasil, com US$ 5,6 bilhões; Colômbia com US$ 3,8 bilhões; Haiti conforma com as remessas (US$ 1 bilhão) 25% de seu PIB.

Estes dados evidenciam as enormes disparidades entre os países de origem, ou seja, em relação ao tamanho, as más condições econômicas, sociais e culturais. No Brasil, por exemplo, devido ao crescimento das remessas, desde os anos 1990, tem provocado iniciativas oficiais para a captação nos países e regiões que concentram brasileiros no exterior. Note-se que essas transferências são vistas, no relatório do Banco Mundial, como a contribuição, através dos migrantes temporários, dos países de recepção, isto é, dos “ricos” aos países de origem dos migrantes, dos “pobres”, configurando-se como políticas migratórias com caráter de políticas assistenciais.

Ressalte-se que, segundo Marmora (2005), citado por Patarra (2006, p. 21), no cômputo dessas remessas não está sendo contabilizado o investimento feito nos cidadãos dos países de origem que se dirigem aos países “ricos”, tampouco a contribuição dada aos países de destino, no período em que lá exerceram sua atividades econômicas, frequentemente com baixa remuneração e realizando tarefas de pouco prestígio, desprezadas pelos nativos.

Quanto a aplicações da poupança no Brasil, ROSSINI (1995, p. 104) coloca que:

> No Brasil, o mercado imobiliário das cidades com grande número de emigrantes (Assaí, Uraí, Suzano, Mogi das Cruzes, etc) dinamizou-se, e está até mesmo sofrendo processo inflacionário, pois, no retorno, quase todos procuram imóveis para comprar. As remessas de dinheiro feitas por aqueles que partiram para o Japão têm colaborado para garantir aqui a sobrevivência do restante da família. Enfim, é voz geral entre os dekasseguis que, apesar de se ter conseguido economizar bastante no Japão, o Brasil é o lugar para viver e sobreviver.

Portanto, acentua-se o caráter temporário dessa migração internacional visto que há predominância de investimentos conservadores, como a aquisição de imóveis, que são comuns entre os *dekasseguis*, pressupondo-se que visam investir com segurança, fato constatado por Kamogawa (2008) em que, 80% dos *dekasseguis* entrevistados no Norte do Paraná investiram em imóveis para moradia e locação, sob a justificativa de

que, além da renda regular (aluguel), não se depende das bolsas de valores nem das oscilações do mercado.

Ainda a respeito dos investimentos, Bomtempo (2003, p. 105) também reforça que:

> (...) há a transferência de grandes quantias em dinheiro do Japão para o Brasil, resultado da poupança dos dekasseguis, que as utilizam para investir em imóveis ou para alavancar diferentes negócios nas áreas produtivas ou no comércio e serviços.

MELCHIOR (2008, p. 153), no trabalho elaborado sobre migrações, demonstrou que "os *nikkeis* entrevistados afirmaram que buscam se tornarem proprietários de um estabelecimento, constituído com o dinheiro economizado no Japão, ou mesmo continuando como empregados, mas com casa própria, carro e boas condições financeiras para se manter no Brasil".

Há também uma outra faceta, que é descrita por Oliveira (1999, p.301) :

> (...) Muitos também se decepcionam, pois, após terem trabalhado arduamente por uma poupança suficiente para um investimento aqui no Brasil, ao inaugurar algum negócio próprio, se vêem cercados de dificuldades e problemas. Muitos acabam falindo, e a opção é novamente o retorno ao Japão.

À guisa de exemplo, apresentamos uma das iniciativas que visa atender o *dekassegui* no seu retorno. É o Programa *Dekassegui* Empreendedor que faz parte das ações que o SEBRAE e a ABD (Associação Brasileira de *Dekasseguis)* tem realizado para promover o desenvolvimento dos *dekasseguis* e a sua integração na sociedade.

Note-se que este Programa teve início em 17.10.2003, quando o SEBRAE Nacional e a ABD assinaram em Londrina, um convênio para o Projeto *Dekassegui* que consistiu na realização de uma pesquisa documental e uma pesquisa de campo com os *dekasseguis* que pretendiam ir para o Japão, os que estavam morando no Japão e os que haviam retornado ao Brasil. O resultado da pesquisa (SEBRAE, 2004), foi apresentado no dia 31 de maio de 2004, no Rio de Janeiro, durante a I Conferência Nacional "As remessas como um instrumento de desenvolvimento no Brasil", promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), por meio do Fundo Multilateral de Investimento (FUMIN) e Fundação Getúlio Vargas. Em função da importância de fazer um trabalho em prol da comunidade *dekassegui,* o BID resolveu entrar no Projeto *Dekassegui,* com o objetivo de formular uma metodologia para ajudar os brasileiros que saem para outro país, em busca de recursos, mas pretendem abrir negócios no Brasil. (http://www.abdnet.org.br/conteudo.asp?Cod=171, acesso em 19/06/2009)

Em 2005, é assinado o Programa *Dekassegui* Empreendedor SEBRAE-BID, durante a reunião anual do BID em Okinawa-Japão, que se compõe de : palestras explicativas sobre o planejamento e abertura de pequenas empresas, isto é, auxiliar a caminhada dos futuros empresários. Face a relevância do Programa para os *dekasseguis* retornados, far-se-á uma exposição ampliada em item posterior.

O programa funciona nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Pará. Segundo o responsável pela regional de Londrina, desde o início de 2009, o número de consultas dobrou em relação a dezembro de 2008. A maioria das consultas refere-se a investimentos no ramo alimentício, seguido da prestação de serviços, tendo sido atendidas 500 pessoas desde a implantação do programa e cerca de 100 empresas registradas na região. (Top Nikkey, 2009)

Um outro ponto a ser considerado é que parte dos *dekasseguis* retornados ingressaram em cursos de qualificação industrial para dar seqüência ao conhecimento prático adquirido no Japão, assim como há uma procura significativa para a "alfabetização tecnológica" visando aumentar as chances de reinserção no mercado de trabalho. Os cursos mais procurados são os de mecânica automotiva, informática, eletrônica e eletromecânica. Ao mesmo tempo, entidades como o SENAI, SENAC, ACIL – Associação Comercial e Industrial de Londrina, Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná, ACEL – Associação Cultural e Esportiva de Londrina se uniram com o objetivo de orientar estes *dekasseguis* e propiciar a sua readaptação na sociedade.

As iniciativas apresentadas para os *dekasseguis* retornados sinaliza para a preocupação que a sociedade está tendo em relação àqueles que se deslocaram para o Japão, no sentido de que os ganhos financeiros, de experiência laboral, de vivência multicultural tenham efeitos positivos para o país de origem.

A seguir, apresentamos duas possibilidades para os *dekasseguis* que retornam para o Brasil, um de emprego em empresas japonesas que estão se instalando no Brasil e outro referente ao Programa *Dekassegui* Empreendedor do SEBRAE.

Vejamos o que coloca Ninomiya (2009), ao tratar dos quinze anos de funcionamento do CIATE, seus objetivos, de fornecimento de informações , de apoio aos *dekasseguis,* em contraposição ao trabalho realizado pelas empreiteiras ou intermediários de mão de obra, que agiam com má fé. Nesta ocasião, o presidente do CIATE, Sr. Ninomiya, referindo-se ao movimento de retorno de *dekasseguis*, após três, cinco anos de trabalho no Japão, considerava que estes teriam alguns conhecimentos sobre a língua e a cultura do país, bem como o funcionamento de uma

fábrica, com a internalização de conhecimentos de tecnologia e sistema de produção. Relatou então que havia recebido informações sobre a contratação de brasileiros residentes no Japão por uma empresa sediada na Zona Franca de Manaus, fato este que poderia terminar com um processo de vaivém de trabalhadores, pois ao regressar não encontravam colocações com salários compatíveis, consumindo a poupança realizada, fruto de alguns anos de trabalho.

Este fato pode ser melhor detalhado, a partir do artigo de Nakamura (2009), publicado no Relatório do Encontro dos Colaboradores do CIATE. Portanto, as considerações que serão feitas a seguir, tem como base o artigo denominado "Oportunidade de emprego no Brasil aos *nikkeis* que moram no Japão", de Hiroshi Nakamura, presidente da empresa Honda Lock do Brasil.

A empresa Honda Lock do Brasil é uma empresa que foi implantada em Manaus (AM), cuja produção teve início em julho de 2006. É ainda uma empresa nova localizada no pólo industrial de Manaus, que agrega colaboradores brasileiros e japoneses. A sua produção está focada em componentes para o segmento de duas rodas, como: conjunto de travas, tampas de combustível, bloqueadores de ignição e magnetos de partida. Para as empresas nipônicas, um ponto forte do Brasil é o grande número de *nikkeis*, face a imigração japonesa, constituindo-se numa vantagem para as empresas interessadas em construir uma filial no exterior. Para a Honda Lock, este fator em muito contribuiu para que uma filial fosse instalada no Brasil.

De outra parte, com o movimento *dekassegui*, muitos *nikkeis* foram para o Japão trabalhar em empresas japonesas, por um tempo determinado, visando fazer uma poupança e regressar ao país de origem. No entanto, as condições apresentadas pelo Brasil fizeram com que se prolongasse a estada, e a cada ano mais distante parecia estar o retorno e no Japão, começaram a surgir problemas sociais.

Tendo em vista o contexto apresentado, a Honda Lock resolveu trabalhar com os *nikkeis* moradores no Japão, pelos seguintes motivos: eles sabem falar japonês, portanto, conseguem se comunicar com os japoneses; conhecem o cotidiano de uma empresa japonesa, como os sistemas de melhorias contínuas, *kaizen*, 5Ss; sabem explicar e compreendem a política e a filosofia da empresa, assim como sua política, métodos de segurança e seu meio ambiente; podem fazer treinamento prévio no Japão, até porque já residem no país; tem a pretensão de trabalhar no Brasil, esperança no futuro e motivação.

Tendo em vista esses pressupostos, foram publicados dois anúncios em jornais editados no Japão pelas empresas brasileiras Tudo Bem e International Press, tendo sido recebidos 150 currículos em duas semanas, sendo 93% de homens, com a idade média de 30 anos. A análise dos currículos permitiu constatar a dificuldade em encontrar técnicos especialistas *nikkeis* no Japão, pois poucos eram graduados ou experientes, pois a maior parte trabalhava na área de montagem e/ou operação de máquinas; dos 150 currículos recebidos poucos eram de trabalhadores na área administrativa e técnica. A seleção constou de análise de currículo, tendo sido selecionados 35 candidatos. Estes realizaram uma prova que exigia a redação em português e outra em japonês, tendo sido selecionadas onze pessoas. Na redação realizada pelos candidatos, solicitou-se que apontassem os motivos para se inscrever na seleção para trabalhar numa filial de uma empresa japonesa no Brasil. Os motivos apresentados foram: insegurança quanto ao futuro, pelo fato de trabalhar como temporário nas empresas; desejo de retornar ao Brasil, não o fazendo pela dificuldade de se inserir no mercado de trabalho; oportunidade inédita (inserida em anúncio de jornal), de emprego no Brasil, que deveria ser aproveitada.

Os selecionados participaram de treinamento na província de Miyazaki, por um período de seis meses (de julho/2005 a fevereiro/2006), ocasião em que foram apresentados os seguintes conteúdos: entender a filosofia da empresa; ter consciência da qualidade e vigor nas melhorias contínuas; estudar as funções e responsabilidades de cada seção numa empresa; ter conhecimento das peças que a Honda Lock produz; ter conhecimento de cada parte do processo de produção; elaborar o Manual de Instrução do Trabalho em português para iniciar a produção no Brasil; fazer um treinamento de preparação, produção das peças, funcionamento das máquinas e sua manutenção.

O início das atividades no Brasil ocorreu em fevereiro de 2006, momento em que chegaram os *nikkeis* contratados no Japão e em cinco meses iniciou-se a produção. Segundo Nakamura (2009, p. 25),

> (...) esta rapidez na conclusão das medidas necessárias para o início do funcionamento foi possível graças ao esforço dos membros treinados no Japão. Hoje, os nikkeis contratados e treinados no Japão são os principais responsáveis pela produção da empresa, atuando como líderes.

Estas informações apresentam um quadro bastante favorável à contratação de ex-*dekasseguis*, com avanços na política de aproveitamento do conhecimento adquirido no Japão e com a atuação na filial brasileira. No entanto, apresentaram-se vários

problemas e dificuldades como a adaptação em Manaus, pois a maioria era de São Paulo; houve um funcionário que se desligou da empresa, que retornou para São Paulo porque a família não se adaptou a Manaus; outro problema foi a dificuldade na adaptação dos *nikkeis*, acostumados com a vida no Japão, devido a mudança de ambiente e a redução de salário; enfim, a maioria dos *dekasseguis* tem experiência como trabalhador subordinado, sem muito conhecimento, nem especialização ou técnicas, sendo alvo de muitos problemas.

Estas colocações evidenciam que há possibilidade da inserção de ex-*dekasseguis*, como noticiou o jornalista Elio Gaspari, a partir dos dados coletados pela reporter Angela Lacerda, da Folha de São Paulo, em 17.03.2010, com o título Brava gente brasileira. Trata-se da contratação de 82 soldadores *dekasseguis* do Estaleiro Atlantico Sul (EAS), localizado no município de Ipojuca/Suape, no estado de Pernambuco, que foi buscar no Japão trabalhadores brasileiros qualificados. A previsão é de se contratar 200 funcionários e é um dos outros motivos que levam a crer que inicia-se o registro de um movimento inverso de deslocamento populacional. Os navios a serem fabricados fazem parte de uma encomenda de 22 navios e da plataforma P-55, realizada pela Petrobras, que escolheu uma empresa brasileira para suprir a demanda de petroleiros, navios tanque e plataformas. Observe-se que essa empresa foi criada em 2006, através de uma parceria entre os grupos Camargo Correa, Queiroz Galvão, empresa PJMR[3] e a Samsung Heavy Industries da Coréia do Norte.

O relato de Gaspari (2010), sobre a forma como ocorreu a contratação de soldadores revela a conjunção de necessidade conjugada a oportunidade. Em julho de 2009 quatro soldadores brasileiros que trabalhavam no Japão buscaram trabalho na EAS. Em novembro, surgiu a necessidade de contratar mais soldadores. A coordenadora de recursos humanos da empresa lembrou-se dos *dekasseguis* e embarcou no mês seguinte para o Japão em busca de mais soldadores qualificados. Em janeiro chegou o primeiro grupo de oito trabalhadores e em março noticiou-se a contratação de mais 82 soldadores brasileiros com experiência na indústria naval japonesa.

O outro ponto a ser abordado refere-se ao Programa *Dekassegui* Empreendedor do SEBRAE, que será mais detalhado, tendo em vista os pontos já apresentados em relação aos dekasseguis retornados do Japão. São apresentados alguns casos que o

---

[3] PJMR Empreendimentos – Grupo fundado em 1996, com vasta experiência nas áreas de construção naval, offshore e navegação, participa como acionista das empresas Estaleiro Atlântico Sul, Estaleiro Promar, STX Europe, Quip e Noroil Navegação (http://www.estaleiroatlanticosul.com.br/eas/pt/quemsomos/apresentacao/acesso em 07/08/2010)

SEBRAE considera como Histórias de Sucesso, editadas nos anos de 2006, 2007 e 2008, dentro de programa *Dekasseguis* empreendedores, os quais consolidaram os investimentos em imagens digitais de grande porte, academia de ginástica e artes marciais, prestação de serviços e comércio de produtos eletrônicos para veículos, cafeteria, pinturas de fachadas, cachaçaria, entre outros. Uma característica dessas histórias de sucesso é a ênfase que é dada ao empreendedorismo, considerando-o parceira da cidadania.

Outra característica dessas histórias é a faixa etária apresentada : jovens, que estiveram no Japão como trabalhadores temporários a partir dos anos 1990. Dos seis casos relatados, a metade deles tinha como objetivo consolidar o empreendimento que já desenvolviam no Brasil, implantando estratégias gerenciais e de atendimento ao público diferenciado, visando conquistar novos clientes e fidelizar os antigos.

Um outro ponto a ser observado é quanto a escolaridade: todos possuem o ensino médio e dois o ensino superior, estes últimos trabalhando no Brasil em atividades compatíveis com sua formação acadêmica: é o caso da academia de ginástica e artes marciais e do estabelecimento que reproduz grandes imagens digitais, utilizando a computação gráfica.

Um dos casos relatados pela mídia (Fukushima, 2010a) é de um casal de ex-*dekasseguis* que retornou ao Brasil em 2008, após quatro anos e oito meses trabalhando no Japão. Após a realização de pesquisas e cursos no SEBRAE, optou pela abertura de um restaurante que oferece pratos do dia a dia , além de pratos light para atender os que buscam uma alimentação mais saudável, focando no sistema *delivery* (entregas). Segundo os proprietários, o período de trabalho no Japão foi muito importante para que o trabalho em equipe funcionasse adequadamente no estabelecimento. Além disso, a disciplina, a organização e higiene no preparo dos alimentos foram vivenciados no Japão e aqui aplicados, com resultados muito animadores tanto para a clientela quanto para os empreendedores, visto que já estão planejando o atendimento às pequenas empresas da cidade de Londrina.

Um outro exemplo, é fruto das observações feitas no Japão, no atendimento ao público, em restaurantes, em que é instalado um dispositivo nas mesas, que ao ser acionado, identifica ao garçom quem deseja ser atendido. Ao retornar ao Brasil em 2005, este ex-dekassegui empreendedor, verificou que em nosso país esse procedimento não era utilizado e se dispôs então a produzir, divulgar e vender o equipamento denominado “garçom prático”. No ano de 2010 esta empresa já contava com mil clientes nos estados do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, São

Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina, consolidando uma empresa que teve como idéia inicial a vivência japonesa e que recebeu apoio logístico do projeto *Dekassegui* Empreendedor do SEBRAE. (FUKUSHIMA, 2010b)

Estes são dois exemplos de empreendedores, ex-*dekasseguis*, que ao retornar ao seu país puderam implantar seus negócios e consolidá-los.

Breves anotações à guisa de considerações finais

Ao finalizar o texto, algumas reflexões se fazem necessárias, pois considera-se que um trabalho de pesquisa não se esgota na sua conclusão. Há outros temas que poderiam ser abordados acerca do fluxo migratório de *nikkeis* brasileiros para o Japão, pois à medida que se adentra no universo dos trabalhadores temporários, que se dedicam às ocupações não especializadas, distantes do núcleo familiar, da terra natal, surgem assuntos que mereceriam uma análise mais acurada.

Constatou-se que ao retornar, os *dekasseguis* poderão ter ofertas de emprego, que, apesar do número reduzido de postos de trabalho, evidenciam as possibilidades que poderão se concretizar no futuro. O papel das entidades como o SEBRAE também é relevante pois auxilia os retornados a investir sua poupança duramente conquistada em empreendimentos com riscos minimizados. As entidades de apoio ao trabalhador no exterior têm tido um papel importante, na medida em que realizam um trabalho que torna a ida, a estada no país de recepção menos penosa porque são informados da realidade do país, da sociedade e do ambiente de trabalho. Ao retornar também auxiliam na resolução de problemas relativos aos estudos, à saúde, na readaptação ao país natal.

Enfim, estudar o processo migratório é instigante, polêmico e atinge, desde o núcleo familiar até grupos organizados, que na categoria de entidades, instituições, tem pressionado o estado a fazer convênios com outros países para amenizar a situação dos que se encontram no exterior por motivo de trabalho. Em síntese, o trabalho permitiu que se fizesse reflexões acerca da questão migratória sob dois aspectos: o espacial e o temporal, cada qual com suas características, advindas de um contexto mais amplo que diz respeito à reestruturação produtiva de países industrializados e os efeitos da globalização.

Referências

ABD-Associação Brasileira de Dekasseguis. *Programa Dekassegui* Empreendedor. Disponível em: http://www.abdnet.org.br/conteudo.asp?Cod=171 Acesso em 19/06/2009

BANDO, M. Discurso de saudação. In: *Relatório do Encontro dos Colaboradores Regionais do CIATE-2008.* São Paulo: Ed.Mania de Livro, 2009

BOMTEMPO, D. *Os sonhos da migração: um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Álvares Machado-SP.* Presidente Prudente, 2003 (Dissertação de Mestrado-Unesp)

FUKUSHIMA, V. Dekassegui de sucesso. Londrina: *Paraná Shimbun*, 03 a 09/04/2010a

_____. Uma boa opção na hora do almoço. Londrina: *Paraná Shimbun*, 10 a 16/04/2010b

GASPARI, E. Brava gente brasileira. São Paulo: *Folha São Paulo*, 17/03/2010

KAMOGAWA, K. *Notícias de brasileiros no Japão: os dekasseguis na mídia impressa.* Londrina, 2008 (Monografia de bacharelado-UEL)

KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão.* Campinas,SP: Ed. da Unicamp, 1999

MELCHIOR, L. *Migrantes japoneses: um ciclo migratório. O caso de Londrina-PR*. Presidente Prudente, 2003 (Dissertação de Mestrado-Unesp)

_____.*Redes sociais e migrações laborais: múltiplas territorialidades. A constituição da rede nipo-brasileira em Ourinhos (SP) e no Japão.* Presidente Prudente. 2008 (Tese de doutoramento-Unesp)

NAKAMURA, H. Oportunidade de emprego no Brasil aos nikkeis que moram no Japão. In: *Relatório do Encontro dos Colaboradores Regionais do CIATE-2008*, São Paulo: Ed. Mania do Livro, 2009

NINOMIYA, M. O fenômeno dekassegui: passado, presente e futuro. In: HARADA, K. (coord). *O nikkei no Brasil.* São Paulo:Atlas, 2008

_____.Palavras de abertura. In: *Relatório do Encontro dos Colaboradores Regionais do CIATE-2008*, São Paulo: Ed. Mania do Livro, 2009

OLIVEIRA, A.C. Repensando a identidade dentro da emigração dekassegui. In: (REIS, R.R.;SALES, T., coord.)*Cenas do Brasil migrante* São Paulo: Boitempo, 1999

PATARRA, N.L.;BAENINGER, R. Migrações internacionais: o caso do Brasil. In:

PATARRA, N.L. (coord). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: 2.ed.FNUAP, 1995 (p.78-88)

PATARRA, N.L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Revista Estudos Avançados-USP*, 20(57), 2006

ROSSINI, R.E. O retorno às origens ou a luta pela cidadania. *Revista USP – Dossiê Brasil-Japão.* São Paulo, v.27 (24-31), set.nov.1995

SAKURAI, C. *Os japoneses.* São Paulo: Contexto, 2007

SASAKI, E. A imigração para o Japão: *Estudos Avançados-Dossiê Migrações*. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, v.2, n.57, 2006

SEBRAE. *Perfil dos dekasseguis*. Subsídios ao Programa Dekassegui Empreendedor. Curitiba/ABD: s/ed, 2004

TOP NIKKEY. *Economia global impõe desafio aos nikkeys.* Londrina: Paraná Shimbun, 2009

UNFA/IPEA. *Contribuciones potenciales a la agenda de los ODM desde la perspectiva de la CIPD: una guia de referencia a la evidencia para el diálogo sobre políticas em la región de ALC.* Brasília: UNFPA, 2007

YAMOCHI, Y. *Imigração japonesa ontem e hoje: o exemplo dos japoneses da comunidade nikkei de Urai-PR/Brasil*. São Paulo, 1991 (Dissertação de Mestrado – FFLCH-USP)

YOSHIOKA, R. *Por que migramos do e para o Japão*. São Paulo: Massao Ohno, 1995

---

[i] Este artigo foi elaborado com base nas pesquisas realizadas no estágio pós-doutoral, junto ao Laboplan-Departamento de Geografia-FFLCH-USP, em 2009/2010, sob a supervisão da profª drª Rosa Ester Rossini.